Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 781

10 DE SETEMBRO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Começam a chegar viajantes.

A exposição de Paris está apenas por dois mezes e parece que não será addiado o seu encerramento. Já o miolo de tudo quanto é provisorio começa a sahir pelos rasgões das telas pintadas. As primeiras cargas d'agua vão ser funestas. Entretanto ainda muitos festejos se annunciam, devendo ser o mais brilhante de todos o jantar aos onze mil *maires*, presidido pelo sr. Loubet.

Portugal não foi das nações menos felizes no que diz respeito a recompensas obtidas. Só grandes premios foram quarenta e trez e medalhas d'ouro cento e oitenta e seis.

A proposito das condecorações concedidas pelo governo francez aos delegados portuguezes, voltaram os jornaes de Paris a falar com elogio das nossas secções na exposição.

Mas essa distribuição de premios nem todos deixou contentes. Premiados houve que se queixam amargamente e alguns publicamente demonstram desespero pelo que julgam menos consideração. É vulgar por baixo da indicação — *Mensão honrosa* — lêr-se — *Rasgada*. Alguns levaram mais longe as expressões da sua ironia.

Sempre a vaidade e sempre a galinha da minha visinha, que é mais gorda do que a minha.

A fabula conhecida da aguia e do mocho tem mais applicações do que ao amor das mães, que lhes faz sempre parecer os filhos uma belleza. A obra de cada um...! O que pensa um auctor ingenuo da obra que lhe sahiu n'um momento de inspiração ou que, pelo contrario, lhe levou horas de só paciencia.

As questões que cada concurso levanta! O que julga cada qual do soneto, do drama, do esboço, do desenho que submetteu á apreciação do jury! E todos, menos o premiado, accusam os jurados de vendidos ou, pelo menos, de idiotas. Nenhum d'elles percebeu a obra prima incomparavel.

Claro está que o descobridor das pastilhas callicidas é um homem de genio e que o paciente esculptor da morte de D. Ignez de Castro n'um caroço de azeitona é um artista unico. Uma simples menção honrosa doe

Mas, apezar dos descontentes, o contentamento em Paris continúa, e muito maior ainda desde que a entrada das tropas em Pekim veio espalhar umas nuvens que temerosas se iam accumulando.

A quem a victoria sai talvez mais cara do que se havia imaginado é ao imperador da Allemanha que prometteu mil taeis por cada europeu que fosse salvo. Ora oitocentos mil taeis, que o generoso monarcha tem que esportular do seu bolsinho, são proximamente mil contos de réis da nossa moeda. Uma fortuna para os soldados.

Se as novas de Pekim vieram desannuviar os animos, o mesmo não succede em Inglaterra com as ultimas noticias que lhe chegam do Transvaal. A guerra promette não ter fim proximo e a definitiva, apregoada victoria dos inglezes sahir-lhes-ha carissima.

Os ultimos acontecimentos e a approximação das tropas boers da fronteira portugueza deram motivo a que pelo ministerio da marinha fosse requisitado ao da guerra uma força de 1:156 homens, que brevemente partirá para Lourenço Marques, afim de guarnecer a fronteira do districto. Esta força será commandada superiormente por um general o sr. Wenceslau José de Sousa Telles.

Será composta por contingentes de artilheria 3 e 5, cavallaria 8, caçadores 3 e infanteria 8.

A expedição partirá no *Benguella*, da Empreza Nacional, que levantará ferro no dia 12.

Vão com elles os corações de todos os que amam a patria, certos de que mais uma vez, se fôr preciso, os soldados portuguezes saberão cumprir seu honroso dever.

Não é coisa alegre assistir a essas partidas, menos ainda quando quasi todos os que partem agora vão alegres, contentes, buscando no estrangeiro uma distracção para o espirito ou n'essas terras balneares um descanço preciso, depois d'uma ociosidade de dez mezes.

Lisboa está deserta. Apenas nas primeiras horas da noite se anima um pouco, desde o Rocio até ao principio da Avenida. Vai pensando na festa da cidade, que acha boa lembrança, e que lhe annunciam para maio e junho do anno que vem. Entretanto vai dormindo a sesta.

DR. FERREIRA D'ARAUJO — Fallecido no Rio de Janeiro em 18 de agosto de 1900

Apesar dos agoirentos, que viam na prohibição do jogo a morte das praias de Portugal, as terras da beira-mar continuam dando que fazer aos *reporters do high-life*. Aos domingos os comboios que partem do Caes do Sodré vão completamente cheios e por milhares se contam os passageiros. Mais triste e sósinha fica a cidade, onde se morre de aborrecimento nas longas ruas, de lojas fechadas e onde nem viv'alma boceja.

Os jornalistas obram prodigios para encher columnas, e as correspondencias da provincia são o verdadeiro salvaterio.

Ultimamente dois desastres maiores, que esses veem sempre aos pares, despertaram um pouco Lisboa d'este marasmo de setembro. Foram felizmente inferiores ao que era de prever e diziam os primeiros boatos, que correram assustadores.

Na explosão que se deu, pouco depois do meio dia do dia 6, na fabrica de moagens dos srs. Baptista & C.ª, na rua das Fontainhas, não houve victimas, devido ao facto de estarem a essa hora fóra do estabelecimeto a maior parte dos operarios. Desgraçadamente, outro tanto não pode dizer-se do descarrilamento, que entre as estações de Figueirinha e Carregueiro soffreu o comboio de Faro, visto que d'elle resultou ficarem tres passageiros mortos e um ferido muito gravemente.

D'estas noticias tristissimas raras vezes temos que dar conta. Tomáramos sempre escrever estas chronicas com tinta côr de rosa e que só risos de boa saude n'ellas escrevessemos. Mas se a vida é assim!

De muitos outros casos trata por obrigação de officio a imprensa diaria, a que nem sequer desejariamos aqui fazer a menor referencia, tanto o nosso espirito deseja afastar-se d'esses assumptos e nem sequer trazel-os á lembrança dos nossos leitores.

Quando tantos embarcam ou assalteiam contentes as carruagens dos comboios, fugindo da cidade, que lhes pesa como pesadelo, os que por ahi ficamos temos o direito de pelo menos a nossa imaginativa deixal-a seguir atraz dos felizes, correr com elles, contente e deslumbrada por essas terras fóra, cheias de luz, de perfumes, de canticos de raparigas, ver madrugadas nas serras onde gemem os pinhaes, e poentes doirados á beira-mar.

E' uma viagem que sai barata; não ha bilhete a comprar, não ha revisor, não ha chefes de estação, não ha comboios que não sejam expressos. N'um instante se andam leguas e sempre a paizagem é bella, o céo azul, os rios cantam, a brisa é perfumada.

Companheiros poucos e bons. Como bagagem o livro d'um poeta e basta.

> Quando quero responder
> A's falas que me vais dando,
> Foge-me a voz da garganta,
> Fica-me a alma falando.

Assim começa um moço cantando no *Auto do Fim do Dia* de Antonio Corrêa d'Oliveira, um dos mais indiscutiveis poetas da geração moderna.

E ler esse livrinho é respirar todos os aromas carinhosos d'uma aldeia portugueza, é sentir todo o enlevo misterioso d'um cair de sol, emquanto as noras gemem e andam pombos no ar em revoada. Pelos castanhaes vai passando a procissão que acompanha Nosso Pae, ouve-se o toque da campainha e o bemdito cantado pela gente. As ceifeiras ajoelham á beira do caminho.

E' n'um soneto primoroso que nos é descripto o quadro melancholico e ternissimo, cheio de uncção. Ouvem-se vozes cantando. Diz o côro:

> Sino, coração da aldeia,
> Coração, sino da gente:
> Um a sentir, quando bate,
> Outro a bater, quando sente.

E uma voz:

> Sete-estrello, sete-estrellas,
> Vão-se a contar e são seis...
> A que falta ao sete-estrello
> N'este rancho a encontrareis.

E, quasi escolhidas ao acaso as quadrinhas que publicamos, ellas dizem, melhor que os melhores commentarios, quem é esse poeta, que assim tão maravilhoso sentir nos revela, que tão nosso se mostra ser, ainda que primeiro nol-o não dissesse nas sentidas estrophes com que abre o livro.

E assim, lendo e relendo-o, sahimos d'aqui para longe, vivemos doces instantes na aldeia e, n'essa tarde de verão tão mansa, vimos cair o sol, cercar-se a noite, subir o luar.

Acordamos o fantasma de alegres tempos idos ha muito, e sem uma sombra os revivemos. E' que

> A Saudade vai mondando
> Nas searas do Passado:
> Tira ao trigo o joio todo
> Para o dar como extremado.

E bastava esta só quadra para a reputação d'um poeta.

João da Camara.

CARTAS DA EXPOSIÇÃO

Afinal, apesar dos desejos por muitos apresentados, e da promessa feita pelo ministro do commercio, sr. Millerand de estudar maduramente a proposta, parece que não será prolongado o praso para o encerramento da grande exposição além do já fixado, 5 de novembro.

Diz-se que muitas nações se recusariam a augmentar as despezas que fazem com a sua representação indispensavel, cujo orçamento não pode ser alterado.

Mas outra razão existe além d'esta. A maior parte das construcções, por muito lindas e pittorescas que por fóra nos pareçam, são essencialmente provisorias. As primeiras chuvas do outomno decerto as vão prejudicar muitissimo. Lonas, estuques, pasta, não serão materiaes sufficientemente resistentes, e assim veriamos talvez, um dia, com espanto, cantarias desfeitas em lama, rasgões nas altas montanhas da aldeia suissa, casas amachucadas, etc. Uma verdadeira desillusão.

A exposição não durará portanto senão mais dois mezes e vá isto como aviso aos retardatarios. Olhem que já por aqui se vão sentindo ás vezes uns assustadores pronuncios de inverno.

Os temporaes teem sido vulgares em França e em muitos pontos, em meio de chuvas torrenciaes, tem baixado muito a temperatura.

Entretanto a exposição está no seu auge e, ainda ha dois dias apenas, tivemos mais uma inauguração, a do pavilhão construido pelas camaras do commercio inglezas. Como não podia deixar de ser tambem, tivemos novo discurso do sr. Millerand. A larynge d'este homem é deveras uma das maiores curiosidades da exposição de Paris. Foi amabilissima para com a Inglaterra.

Continúa a falar-se muito nas visitas proximas officiaes de altas personagens pertencentes ás familias reinantes na Europa. Houve algumas difficuldades a proposito da recepção da sr.ª duqueza de Aosta no Elysêu, visto ser irmã do pretendente duque de Orléans. Sua Alteza será simplesmente considerada princeza da casa de Saboia.

As festas não terminam. A mais falada agora é a das municipalidades a que deverão assistir mais de onze mil *maires*, segundo se diz. O almoço deve realisar-se no dia 23, no jardim das Tulherias e será presidido pelo sr. Loubet. Depois d'isso, feta em Vincennes, espectaculos theatraes, visita á exposição no dia seguinte, grande jantar e baile no Hotel de Ville. Um dos *maires* tem noventa e dois annos. E tambem esse ha de comer e ha de divertir-se e dará á perna nas polkas. Benza-o Deus!

As noticias da tomada de Pekim trouxeram a Paris uma nova alegria, pois, como se sabe, para o bom resultado obtido muito concorreram as armas francezas.

O Imperador da Allemanha é que leva um bote grande na sua fortuna particular, tendo de cumprir a promessa que fez de dar mil taeis de prata por cada europeu que fosse salvo. Salvaram-se oitocentos. Custa-lhe a generosidade perto de mil contos.

Não se voltou a falar na vinda a Paris d'este homem, que tão notavel se vai tornando. Pois curioso era ver como havia de ser recebido. Que elle conta, até entre francezes menos *chauvinistes*, grandes sympathias, é facto innegavel. Como innegavel é tambem que um exito brilhantissimo foi agora em Paris alcançado pelos expositores allemães.

Ha muitos queixosos com relação aos premios obtidos. Alguns teem manifestado seu desgosto por forma muito curiosa.

Portugal não tem razões de queixa. Quarenta e tres premios grandes e cento e oitenta e seis medalhas d'oiro, afóra muitas outras recompensas, são certamente incitivo para novos trabalhos e grandes esperanças.

Felicitamos o Occidente pela distincção que lhe foi muito justamente concedida.

Paris—7 de setembro de 1900. *M. C.*

AS NOSSAS GRAVURAS

DR. FERREIRA DE ARAUJO

Medico distincto, foi tal o seu amor pelas letras e tamanha vocação desde novo mostrou pelo jornalismo, que abandonando a clinica, durante poucos annos exercida, breve se tornou dos mais notaveis combatentes entre os muitos e gloriosos jornalistas brazileiros.

Matou-o uma doença de coração, de que havia muito se andava queixando, e a sua morte, horas depois da de Eça de Queiroz, veio carregar ainda mais o luto do jornalismo.

Duas grandes perdas soffreu agora, com curto intervallo, a *Gazeta de Noticias* de Rio de Janeiro.

Ainda não esfriára o cadaver do que foi um dos seus mais distinctos correspondentes e logo teve que novamente emmoldurar-se em negro, publicando o necrologio do seu amado director.

O que tem sido a *Gazela de Noticias* sabem-o todos que teem ideaes, que presam a arte, que reconhecem a necessidade do desenvolvimento da instrucção. Os portuguezes do Rio podem dizer o que esse jornal deve merecer-nos a nós portuguezes.

Na *Gazeta*, já sob a direcção do dr. Ferreira de Araujo, fizeram suas primeiras armas muitos homens, que depois notaveis se tornaram nas letras ou na politica.

O habilissimo e denodado jornalista teve sempre o não vulgar talento de reconhecer o dos outros e de saber rodear-se de companheiros, como elle válidos, trabalhadores, cheios de força e animo para a conquista dos ideaes justissimos.

Foi notavel a campanha sustentada pela *Gazeta* a favor da abolição da escravatura, levada a cabo com enthusiasmo sincero, tendo que luctar contra muitos odios, que derribar muitos interesses.

Se o dr. Ferreira de Araujo foi distincto como polemista, não o foi menos como escriptor. Mas o que maior numero de amigos lhe grangeou foram o seu caracter honrado, a coragem de que muitas vezes deu provas, a sua generosidade, a excellencia do seu coração.

Sua morte foi sentidissima em Portugal, onde o dr. Ferreira de Araujo tinha dedicados amigos e conquistára profundas sympathias.

No setimo dia apoz o fallecimento, foi na egreja dos Martyres resada uma missa por alma do chorado director da *Gazeta de Noticias*, a que concorreram muitos amigos do fallecido. O promotor da cerimonia foi o nosso amigo, sr. Lino de Assumpção, correspondente em Lisboa da acreditada folha brazileira.

O dr. Ferreira de Araujo foi dos que n'este mundo souberam cumprir a sua missão.

Estas poucas palavras são o mais eloquente dos necrologios.

SERENATA

O que lhe dizem a ella bordões e primas?

O que bordões e primas costumam dizer. O thema é sempre o mesmo, as variações é que variam, de quando em quando.

A guitarra de Almaviva ou o violão de um fadista, ambos dizem o mesmo, ambos cantam amor.

O verso mais ou menos de pé quebrado sempre sôa certo aos ouvidos vaidosos d'uma mulher a quem chamam bonita.

Chóram as cordas da guitarra e ella sorri-se. Quando ella um dia chorar, andará o cantador por outros bairros, inspirado por outros olhos.

E a cantiga será sempre a mesma, o amor terá as mesmas queixas, o verso os mesmos pés quebrados.

O violão nocturno tem que dar muitas contas de muita mentira gemida, de muita hypocrisia refinada.

E, apesar d'isso, sempre ha de haver olhos bonitos que se enterneçam, quando vibrem bordões, quando as primas descantem.

Muitas culpas teem no cartorio bordões e primas!

OS ACONTECIMENTOS NA CHINA

O exercito chinez

Quem, pela discripção, que dos soldados chinezes se fazia ha meio seculo, quizesse formar

hoje idea do exercito do Celeste Imperio, muito por certo se enganaria. Já vae longe o tempo em que os chinezes cuidavam pôr em debandada o inimigo, fazendo grandes berrarias e mostrando-lhe horrorosos monstros pintados.

Sem falarmos da marinha chineza, que possue navios modernos de primeira ordem, basta-nos dar conta succinta dos seus armamentos em terra para que fique demonstrado se teem ou não razão os que tanto se esforçam por mostrar a grandeza do *perigo amarello*.

Desde fevereiro de 1898 que os chinezes possuem oitenta e quatro canhões de tiro rapido, construidos nas officinas de Krupp, bem como cento e oitenta canhões de tiro rapido sahidos dos officinas do Creusot.

A'lém d'este armamento, que foi encommendado por Li Hung Chang, quando da sua viagem á Europa, a China possue muitos outros excellentes canhões de differentes systemas todos manejados por pessoal muito instruido, como ficou provado nos ultimos combates.

Quasi a terça parte do mundo é chineza. Os soldados são todos valentes e teem o maior despreso pela morte. Nenhum paiz pode como a China levantar um exercito poderoso. Poderá portanto combater contra a Europa não só pela industria, o que ha muito andava fazendo, mas até pelas armas.

O *perigo amarello* é portanto um serio e verdadeiro perigo.

QUESTÕES SOCIAES

«As nossas doutrinas tendem a «uma organisação social» ; as circumstancias parecem impol-a imperiosamente; . . .»

GEORGES GOYAU (LÉON GREGOIRE).
Autour du Catholicisme social.

Socialismo! não ha talvez assumpto mais complexo a versar na politica hodierna do que este que abrange todas as classes de individuos.

Póde mesmo affirmar-se que — socialismo — é a questão magna da actualidade.

Comtudo, examinando bem as coisas, assistindo em face de documentos historicos e de tradições depuradas ao movimento de emancipação que se desenha claro no caminho da humanidade desde tempos immemoriaveis, adquire-se a convicção de que já nas epocas remotas dos povos primitivos houve luctas de homem a homem e de familia a familia, tendo origem n'uma especie de ciume filiado em condições de superioridade material que operava divisão em tudo. Pária, escravo, ilóta são termos que designam uma degradação antipáthica no genero humano, equivalendo a outras tantas barreiras de separação profunda entre seres racionalmente unidos por laços primaciaes de fraternidade legitima e indubitavel. Quer se admittam como verdadeiras as narrativas biblicas concernentes á creação do mundo e á formação do homem, quer se desprezem as affirmações de Moysés, alias em nada prejudicadas pelas descobertas scientificas e se concedam varios berços á creatura racional, o que ninguem póde contestar sériamente é a natureza similar que irmana em mais de um ponto capital os grupos de individuos que habitam o globo, embora seja certo existirem phenomenos physiologicos e de estructura anatomica pondo em relêvo typos caracteristicos de raça. Moralmente pelo menos está demonstrada a aptidão psychica de todos os homens, como em physica é incontestavel para todos a acção dos impulsos genesicos e a lei reguladora das funcções organicas.

De onde vem pois a guerra de irmãos a jorrar ondas de sangue em todo o percurso da vida humana, e quiçá destinada a prolongar desesperanças nos seculos que hão de seguir? A historia faz-nos gemer de nossa propria miseria ao traçar com frieza imparcial o quadro das scenas tragicas em que a inveja e a ambição cavaram os maiores abysmos sociaes no meio das gentes d'outr'ora. Ella mostra nas mãos de Caín o instrumento d'um crime repugnantissimo e nas multidões subjugadas por assyrios, babylónios e persas, simples rebanhos de alimarias movidas a capricho d'um Sardanapalo, d'um Nabuchodonosor ou d'um Xerxes.

E, comtudo, estas massas de anonymos offereciam no perfil de cada rosto linhas physionómicas e traços geraes de identidade perfeita com a figura e o busto dos que se intitulavam seus senhores, exercendo sobre ellas um despotismo atrós. A Asia, a maior das cinco partes do globo tarraqueo, gigante colossal na altitude das suas montanhas, foi na antiguidade o ponto inicial do regimen attentatorio da dignidade da especie conhecido amplamente pelo nome famoso de *escravidão*.

O odio de classes derivou assim do abuso revoltante que teve nascimento na combinação mais ou menos fortuita de circumstancias criticas, explicando nos primeiros tempos do alvor das sociedades a necessidade imperiosa de chefes dirigentes contra o ataque insistente dos animaes bravios.

Afastado o perigo e vencidas as resistencias naturaes, o prestigio de quem manifestára energia organisadora, impunha-se por um lado ao enthusiasmo da turba, e aquecia por outro na convicção do proprio valor o heroe que merecera ovações unanimes.

Quasi sempre permanecia na posse do mando que soubera consagrar, transmittindo-se tão appetecida herança por systema patriarchal.

Taes chefes victoriosos, cheios de orgulho e porventura incapazes de pensamentos de piedade, foram perdendo pouco a pouco a noção de sua origem, e habituaram-se a considerar como instrumento vil na sua obra de absorpção aquelles que os acclamavam phreneticos e delirantes.

Os nucleos primitivos de homens, tendo-se multiplicado excessivamente, constituiram agremiações estranhas umas ás outras, e quando as féras deixaram de ser temidas, motivos novos de disputa inauguraram sobre a terra a era calamitosa da briga de irmãos, transformando em campo de batalha a arena vastissima onde só altares de gratidão deveriam ser erguidos por mãos fraternaes.

A má fé, adulterando propositadamente a corrente das tradições, constituiu por fim uma alavanca singular de auxilio no esforço fraudulento de levar ao animo dos vencidos e dos companheiros subalternos dos vencedores o convencimento de que eram uns e outros irremediavelmente inferiores no grau moral ao chefe mandante e triumphador.

D'este modo unico se explica o espectaculo degradante e abjecto que patentêa no Egypto o monopolio dos sacerdotes dominando o povo na sombra mysteriosa de segredos simulados á custa de embustes irrisorios, mantidos todavia pela ignorancia formidavel dos habitantes espoliados, e a adoração prestada ao satrapa supremo, idolo desprezivel de harem, em que se converteram os successores de Cyro, mas á passagem dos quaes cahiam de joelhos e até se arrastavam a oscular a terra que as suas plantas calcavam as multidões escravisadas, pasto fértil dos deleites impuros e dos delirios da morte.

A razão do socialismo contemporaneo, não data portanto de periodo recente; defronta-se com o seu principio de causalidade em plena Antiguidade Oriental, e testemunham a autenticidade d'esta affirmativa os factos do dia de hoje, passados ás portas da Europa, na Turquia e em outros estados asiaticos.

São gentes enfermiças, vegetando n'uma atmosphera calida de sensualismo e curvando-se submissas ante soberanos despoticos.

O mundo escravo jazia na mais cruel situação conhecida, qual a do esquecimento de sua mesma estirpe e dignidade, quando assomou nas aguas do Granico a phalange libertadora dos macedonios.

A visão foi porém enganosa, e os philosophos de maior saber e de mais larga fama que hajam tecido na Grecia antiga a sua propria corôa de louros immarcesciveis, não consideravam como pertencendo á especie humana aquelles que estavam reduzidos ao officio de machina ambulante e vendivel.

Na futura capital do imperio dos Cesares, surgem logo ao principio desintelligencias graves entre patricios e plebeos.

Nas luctas que então se produziram de parte a parte houve acôrdos mutuos e concessões vantajosas que aliviaram nos seus aggravos a classe menos abastada.

Todavia, a escravidão nunca deixou de ser um facto legalisado.

As leis agrarias determinaram effervescencias e motins populares, servindo bem a causa de muitos ambiciosos que ao seu favor ousaram empolgar o mando.

Um dia, Espartaco, quiz despedaçar pela força a gargalheira infamante que o opprimia a elle e aos tristes que lhe compartilhavam a sorte mesquinha, e cahiu vencido pelas legiões numerosas, clamando vingança para o seu sangue derramado em holocausto da liberdade.

O titulo de cidadão estendido até longe das muralhas de Roma, foi apenas habilidade politica sem outra significação que não fosse a de chamariz, e á população da cidade transformou-se com o tempo n'uma canalha reles, inimiga do trabalho, mas sempre prompta a correr aos espectaculos gratuitos de toda a categoria, e a applaudir ou a apupar conforme o argumento da bolsa era de molde a seduzir ou a fazer irritar.

O seculo 5.º, marcou a hora de justiça em que ruiu aquelle celebre monturo de podridão, onde echoára a voz d'um Nero e d'um Caligula.

Os barbaros escreveram o epitaphio da rainha do Tibre nos logares que haviam testemunhado a apotheose dos triumphadores e as scenas cannibalescas que transparecem como nodoa indelevel por entre os fulgores mais brilhantes que assignalaram na estrada dos seculos os passos gloriosos do povo rei.

A Idade-Media entrou francamente no seu periodo de vitalidade expansiva e aurea, e as suas instituições feudaes constituiram deveras uma orientação melhor, que pesava menos abruptamente sobre a classe infima.

Mas, em breve manifestaram-se defeitos e medraram abusos, que fizeram crear as communas e prepararam elementos poderosos a que os reis se valeram para resistir com probabilidades de successo feliz á arrogancia dos grandes vassallos e senhores do Feudalismo.

D'aqui, adveiu para a realeza o momento opportuno de ser firmado o systema absoluto, que não contentou a esperança dos povos, nem modificou sensivelmente a esteira politica do governo.

Através dos tempos observam-se algumas vezes movimentos de regressão mais ou menos accentuada em que é mister possuir toda a firmeza de animo indispensavel para não ceder a tendencias destemperadas e a desejos de desertar.

Um espirito de descrença em tudo e em todos invade insensivelmente os orgãos do corpo social e é difficil resistir sobranceiro á onda do desalento.

Porém, e aqui torna-se evidente e palpavel a superioridade categorica do homem á face dos restantes animaes da creação, o vigor de sua intelligencia reflectida suscita lhe meios de amparar-se na queda, rejuvenescendo-o á maneira de nova phenix.

Os privilegios escandalosos do absolutismo, a accumulação extraordinaria de fortunas, o proteccionismo descabido, mil circumstancias altamente abusivas provocaram pouco a pouco rumores de reacção de que promanou o cataclysmo famoso de 1789, cujo alcance final ainda está longe de produzir-se.

Mas a Revolução Franceza do mesmo modo que a Invasão dos Barbaros, ameançando fazer desabar a sociedade n'um chaos de cinzas, trouxe comsigo effeitos salutares de emancipação, de ha muito reclamados pela consciencia popular.

A vaedade fabril arredéra os fundadores dos Estados erguidos sobre as ruinas do imperio romano do proceder generoso e mais doce que os distanciava tanto dos contemporaneos opulentos dos Augusto, dos Tiberio e dos Trajano.

A guerra constante que lavrava entre os diversos potentados obrigando os monarchas a conservar uma situação permanente de combate, mantendo numerosa gente armada, era um bom conductor para abrir linhas divisorias ao meio das populações em que a parte puramente civil occupava sem remedio o plano inferior.

A frequencia de batalhas e o nome prestigioso que n'ellas creavam alguns verdadeiros heroes militares e muitos aventureiros de manga larga, aos quaes cada rompimento de hostilidades sorria pela perspectiva que deparava, accresciam como factores de desunião das classes alheando os exercitos das relações naturaes de convivencia e de boa amizade com os seus compatriotas não alistados.

É certo que a cabeça de Luiz XVI, arrastada criminosamente até ao vilipendio da guilhotina, manchou de fórma indelevel aquelle periodo revolucionario; mas embora tenha corrido muito sangue innocente interferiu então pela excellencia de seus principios uma legislação mais perfeita na equidade soberana.

Não é licito ao homem que sabe observar com escrupulo os phenomenos palpitantes da Historia, condemnar a esmo todos os movimentos que envolvem parcélas irregulares, só pelo facto de se sentir inclinado por suas sympathias em favor de determinadas victimas expiatorias.

Nenhuma duvida pode restar a quem quer que tenha auscultado com proposito sério a humanidade nas phases differentes da sua existencia, de que uma Providencia regula seus passos e domina sua marcha ascencional.

No mundo antigo Israel constituiu excepção digna de modelo pela supremacia incontestavel do seu codigo, e quando Ninive, Babylonia, Ecbatana e Tyro consistiam apenas n'um termo de me-

habilitar-se com a necessaria cultura intellectual para analysar e criticar o governo de todos os individuos de cujo espirito pareça haver-se oblitterado o sentimento de personalidade publica e a missão de educadores como exemplares genuinos de civismo politico.

A arma invencivel no campo do direito, não é o argumento censuravel da violencia em attentados isolados e até em rebelliões em massa, é a união intima de todos os membros d'uma classe lezada nos seus interesses rasoaveis, expondo serenamente as suas pretensões justas e aguardando com dignidade a satisfação devida a quem não se excede.

Se em todo o mundo culto existisse uma liga associativa cooperativista, montada com elementos de disciplina rigorosa, dispondo de cofres bem recheados e mantendo uma correspondencia exacta de séde para séde nos diversos paizes, seria semelhante instituição a salvaguarda herculea impeditiva dos maus processos suggeridos pela avareza brutal, e é pouco provavel que permanecessem no scenario da hypocrisia os que amam a fraqueza dos pobres para sugarem desassombradamente as ultimas migalhas da sua miseria.

Aos governos cumpre illucidar os povos e esclarecer as multidões com proposito de lealdade e anathema da mentira.

«Mais le mensonge, escreve Tarde n'um livro sobre criminalidade, en général, après un abusement passager, engendre le scepticisme et la méfiance.»

O poder procurando evitar o scepticismo e a desconfiança no seio das classes, defendendo os fracos contra as prepotencias dos fortes, estabelecendo o equilibrio de relação no meio social, não mente de facto ao seu mandato nem fornece bases de accusação a queixosos descontentes.

«L'obligation de concourir à la destinée des autres créatures se proportione, disse F. Huet em uma obra intitulada *A Sciencia do Espirito*, à leur dignité dans l'échelle des êtres, ainsi qu'aux rapports plus particuliers qu'on peut avoir naturellement avec elles. A ce double titre, chaque homme est tenu étroitement de travailler à la perfection et au bonheur de ses semblables.»

moria, revivia o povo hebreu no conceito universal da civilisação por uma vergontea humilde da sua raça e por uma doutrina de philosophia social inigualavel na capacidade absoluta de regenerar a familia humana.

O judeu de nascimento que sustentou com clareza axiomatica e convicção firmissima, perante as synagogas a filiação genealogica da egualdade, e que demonstrou por actos singulares, cujo registo mais inolvidavel é o drama do Calvario e cuja cauda luminosa é a sequencia de quasi 20 seculos de catholicismo, que elle não era um impostor nem havia na sua mente o parto d'um visionario, tal judeu, mais versado do que Platão na methaphysica da verdade, e mais santo do que talvez o suppunha Rousseau ao comparar a sua morte á de Socrates, veiu evidentemente patentear á terra o bello moral na sua expressão nitidissima e fundar a escola do bem, do dever e da virtude.

E' ahi que o socialismo terá de aprender as regras do direito, e é lá tambem que encontrará toda a força legitima que póde garantir o seu triumpho glorioso.

Mediante a christianisação, é possivel obter-se o nivellamento das classes, por isso que cada homem não se esquivará ao trabalho, nem mais logar sobrará, que seja azado a esconder cavernas de falsarios e urdidores de intrigas.

Os verdadeiros amigos do povo, honestos e sensatos, não podem coherentemente ter outra linguagem a não ser a que se coaduna com o respeito do merito e com a distribuição equitativa, dentro dos limites da justiça.

Contra a extorsão dos especuladores e a exploração maliciosa de todo o negociante ignobil, a barreira poderosa e invencivel é a associação cooperativista, organisada legalmente e administrada com honra.

Por mais que se labute no proseguimento da idéa seductora da liquidação geral, nunca assomará nos horisontes do nosso planeta alguma coisa de caracter manifestamente absurdo e inverosimil, como seja a egualdade intrinseca de pessoas na posse do mesmo numero de bens de fortuna.

Ainda mesmo que um povo inteiro se reconheça aggravado pelo desprezo dos poderes dirigentes nas questões de instrucção, elle pode, de iniciativa particular, com recursos provenientes do mesmo systema de associações de cooperativa,

SERENATA

OS ACONTECIMENTOS DA CHINA — O EXERCITO CHINEZ

Gratissima e agradabilissima obrigação é esta, relativa não sómente ao homem individuo, mas com forte razão ao homem governo.

«Ide, e ensinae todas as gentes!» recommendava outr'ora o filho d'uma nazarena aos seus discipulos dilectos: empunhae o timão do poder e instrui todas as classes, ordena o bom senso que se proclame aos governos, e que elles adoptem como sua divisa se não querem desafiar uma subversão completa nos desmandos sanguinarios da anarchia!

Sobretudo, não se perca de vista o conceito mathematico que se encerra n'estas palavras de Laveleye:

«é preciso melhorar os homens».

D. Francisco de Noronha.

O CYCLISMO

VII

CONSELHOS PRATICOS AOS CYCLISTAS

1 — O cyclista no interior das cidades

Para andar em bycicletta sem accidentes n'uma cidade populosa, a dextreza nada vale, não sendo acompanhada d'extrema prudencia. É preferivel a machina ter sempre travão que funccione muito bem; uma machina pouco multiplicada permitte andar muito depressa e parar quasi de repente o que é muito util.

De manhã o cyclista, antes de montar a machina, deve verificar rapidamente se todas as porcas dos parafuzos do guiador e das rodas e a cavilha das correntes estão bem apertadas; untar ligeiramente a machina e limpar, quando é precizo, o rebordo das caixas.

«O REI DAS SERRAS» — Hadgi-Stavros

Deve trazer sempre na maleta a chave e a almotolia, embrulhadas n'um pano. Na rua, não deve tratar de fazer admirar os transeuntes com prodigios de destreza e velocidade, deve andar socegadamente, nunca mais depressa que uma carruagem e observando os regulamentos policiaes.

Não deve parar adiante de qualquer vehiculo, principalmente grande, em crusamentos de ruas. Chegando á altura dos peitos dos cavallos, pode encontrar subitamente em frente um outro vehiculo dirigindo-se em angulo recto com o primeiro ou com mais frequencia um peão, porque nas grandes cidades o povo não receia atravessar as ruas mettendo-se debaixo da cabeça dos cavallos.

O cyclista quando passa por uma praça de trens é precizo ver com attenção os que teem cocheiros nas almofadas, porque se algum parte de repente póde impedir-lhe a passagem quando menos o esperar. Finalmente, nunca deve seguir muito perto uma carruagem, porque se pára de repente, nem sempre poderá evitar o choque.

Um perigo, que sempre deve recear muito, é o causado pelos rails dos tramys, quando o tempo está humido. Quando tiver de atravessar rails, deve cortal-os sob um angulo muito grande. Por isso, quando o solo está humido, ensebado (é o verdadeiro termo) as rodas da bycicletta escorregam abominavelmente sobre os rails como sobre qualquer calçada. Os cyclistas habeis devem andar com velocidade muito moderada, de modo que não deem quedas perigosas. Os mais é melhor que deixem a machina em casa.

Não deve perder de vista a machina sem a prender com um cadeado collocado na roda dentada e a corrente, ou com uma

corrente fechada a cadeado prendendo a machina a um candieiro de gaz, arvore, etc.

Muitos cyclistas não sabem conduzir a machina á mão, quando estão apeados, seguram os dois punhos do guiador, ou o punho esquerdo e o selim. É uma posição desastrada, que tem, além de tudo, o inconveniente de poder magoar a perna com o pedal. Conduz-se a machina segurando-a só com uma mão posta no punho do guiador ou no meio d'este. É do mesmo modo, segurando pelo meio que se deve conduzir uma bycicletta quando se está montado em outra machina.

Para se fazer passar uma machina por uma porta estreita ou um corredor tortuoso, o processo commodo consiste em fazel-a rodar sobre a roda posterior. Este meio é bom para a fazer descer uma escada e na estrada pode servir ao touriste quando a machina tem a roda de diante preza a ponto de não girar.

2 — O cyclista na estrada

O cyclista, quando se afasta da cidade mais de 10 kilometros, na machina deve levar uma bomba e na maleta uma chave muito boa apropriada, a almotolia e o necessario para a reparação do pneumatico. Com algumas machinas que teem muitos parafuzos é precizo a chave respectiva.

Quando a viagem é longa e o tempo incerto a capa impermeavel deve acompanhar.

Assim preparado o cyclista pode partir, mas devagar. Se o caminho que tem de percorrer é extenso não se illuda com a velocidade. A velocidade de media de 16 a 18 kilometros por hora é o maximo para qualquer *touriste* que tem de percorrer proximamente 100 kilometros.

Nas estradas dois adversarios esperam o cyclista, contra os quaes a energia nada vale, a paciencia é tudo: as subidas e o vento.

Andar nas subidas nem todos sabem. É necessario certo vigor muscular, pequena multiplicação e destreza. Quando se depara com uma subida, deve-se andar pausadamente e não depressa como fazem alguns imprudentes; o grande arrojo só pode servir para vencer subidas muito pequenas. Pedale-se correctamente, o mais circularmente possivel, evitando por conseguinte deixar affrouxar a corrente. Respire-se amplamente e sobretudo nada de pressas. A velocidade que parece insignificante é muitas vezes dupla da que se obtem a pé. Quando se chega ao fim da subida, o cyclista encontra-se um pouco mais quente, a respiração será mais rapida e o coração baterá mais apressado, mas não terá nenhum mal estar e acabará, como muitos *tournistes*, por preferir as estradas accidentadas ás insuportaveis e monotonas planicies.

Andar depressa é imprudente quando se sóbe uma encosta; é absolutamente insensato quando se caminha contra o vento. A resistencia augmenta então como o quadrado da velocidade quanto ao vento; se se andar 10 kilometros por hora con tra um vento que faz tambem 10 kilometros por hora, isto é, uma brisa imperceptivel para o peão, a resistencia do ar é quatro vezes mais do que a que seria com ar calmo; andando 20 kilometros, por hora, será nove vezes maior.

3 — Os accidentes da machina na estrada

Os accidentes que na estrada se pode ter de remediar, são numerosissimos. Não fallarei dos mais frequentes.

O mais para temer é a perfuração do pneumatico. Reconhece-se pela sua moleza, pelo seu desusado achatamento e ás vezes pelo ruido do ar que se esvae. Deve-se descer immediatamente: andar sobre um aro d'um pneumatico é expôr a deterioral-o, principalmente se é de madeira; a estragar a chapa e se o prego (é quasi sempre prego) fica na ferida, a fazer uma segunda perfuração defronte da primeira.

Logo que o cyclista desça, deve procurar o logar da perfuração no envolucro. Se a encontra, marque o sitio. Deite a machina sobre a relva, sempre que seja possivel o lado da corrente para baixo. Ponha ao lado um bocado de jornal, o bonet ou o lenço e colloque em cima o necessario para a reparação (seria deploravel desmontar o pneumatico é só depois dar pela falta do necessario.) Limpe o pneumatico de modo que não introduza lama e areia no interior. Despeje completamente o pneumatico tirando a rolha da valvula e a porca de fixação que põe ao lado do necessario. É então que começa a difficuldade se o involucro tem arame circular sem fim.

Colloque-se de joelhos ao pé da roda e volte esta de modo que a valvula fique na parte mais distante. Ponha a valvula para o exterior da roda e empurre a parte correspondente do arame circular para o fundo do aro. Faça entrar o arame circular no fundo do aro em toda a sua extensão com os pollegares, ficando os outros dedos, applicados sobre o envolucro e apoiando sobre o aro quando for preciso passar a mão por cima d'um dos tubos d'um garfo. As mãos vão da valvula para o ponto diametralmente opposto a ella e o arame circular n'este ponto levanta-se até ao rebordo do aro. Faça-o assentar por completo puxando pelo envolucro, ou se o cyclista não tem modo de se entalar, puxe-o com os dedos ao mesmo tempo que assentar o resto do arame no fundo do aro. Cinco, depois dez centimetros de arame passam o rebordo do aro e a victoria está alcançada. Tire completamente o arame e puxe para fóra a camara de ar.

Se o cyclista sabe onde é a perfuração, ou se a camara d'ar, completamente nova, tem o signal evidente, está salvo; se não sabe, tem de recorrer á experiencia da agua. É pois sempre melhor fazer a reparação em logar onde se encontre agua, na qual se mergulha toda a camara d'ar. depois de a ter enchido bastante e puxando-a para augmentar o buraco, ás vezes excessivamente pequeno.

Descoberto o buraco, limpe-se com lixa branca, n'uma extensão maior que a pastilha, de modo a tirar completamente o enducto branco (o taleo) que sempre ha sobre a camara; unte-se com dissolução, bem como a pastilha, deixe-se secar, depois applique-se a pastilha que segurará perfeitamente. Polvilhe-se depois o tubo ou limpe-se o excedente de dissolução com o dedo.

Antes de montar o pneumatico, uma verificação. A's vezes o corpo perfurante é um alfinete, ou uma espinha partida rente ao envolucro e saliente no interior; se não se tira, a camara d'ar rebentará de novo no mesmo logar. Certifique-se com o dorso da mão e com a vista, que o interior do envolucro não apresenta aspereza.

Ponha a valvula, depois de ter tornado a pôr a parte correspondente do arame circular no seu logar; dê 7 ou 8 jactos de bomba para que a camara d'ar não fique muito flacida; colloque-a no envolucro e faça entrar o arame circular no aro empurrando-se com os pollegares. Dê ainda alguns jactos de bomba, amassando o envolucro para que tudo fique no seu logar e encha completamente. Resta partir.

A desmontagem do envolucro, que algumas vezes só é possivel fazendo passar o arame circular por cima do aro com o auxilio d'uma alavanca de madeira romba que sempre é bom trazer, é mais facil com os envolucros de ganchos os quaes, uma vez despejados, saem muito facilmente do seu logar no aro.

A's vezes o pneumatico despeja-se pela valvula. Reconhece-se immergindo a roda na agua até acima da valvula, meio pouco radical, a que se deve preferir o que consiste em pôr a valvula na parte superior e collocar por baixo um copo de licor completamente cheio d'agua; vendo sahir bolhas, é preciso mudar o cautchouc da valvula que deve sempre trazer-se de sobreselente no necessario.

Este accidente é muito menos frequente com as novas valvulas conicas.

Os accidentes que podem sobrevir no resto da machina são de tal modo variados que um livro não bastava para os descrever.

A principio, a marcha d'uma machina deve ser silenciosa e é preciso aprender a conhecer a causa d'um rangido para o remediar sem demora. Não se deve enganar com os gemidos do selim ou os estalidos do couro dos sapatos; mas qualquer estalido agudo, com timbre metalico, deve despertar a attenção.

Procede-se então á verificação da machina; deite-se oleo nos rolos das caixas a que parece faltar; o *touriste* dextro e prudente faz mais: pega nas chaves, desmonta a caixa de que suspeita e tira a esphera partida que ameaça partir tudo.

(Continúa).

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

IV

HADGI-STAVROS

Estrego os olhos, sento-me, examino as flores que pareciam ter cahido do céo, e entre ellas descubro um soberbo exemplar da *boryana variabilis!* Não havia duvida! As folhas em lobulos, o calice gamosepalo, a corola com cinco petalas obliquas reunidas na base por um filete estaminal, os dez estames, o ovario com cinco divisões! Era a rainha das malvaceas! Mas como a vinha eu encontrar no fundo do meu tumulo? Como de tão longe envial-a ao Jardim das plantas de Hamburgo?

N'esse instante uma dôr muito viva chamou-me a attenção para o braço direito. Sustentara-me a cabeça durante muitas horas e estava adormecido. Era pois verdade que estava vivo, visto que a dôr é previlegio da vida!

Mas que queria então dizer aquelle funebre cantochão que obstinadamente zumbia a meus ouvidos?

Levantei-me. Os nossos quartos estavam como na vespera. M.^{mes} Simons e Mary-Ann dormiam profundamente. Um ramo enorme, tal qual o meu, lá estava pendurado na barraca.

Lembrei-me então de que era um velho costume grego enfeitar com flores todas as casas no dia um de maio. Aquelles ramos e a *boryana variabilis* eram da munificencia regia.

Continuava o cantochão.

Trepei pela escada, que levava ao gabinete de Hadgi-Stavros, e vi um espectaculo muito mais curioso que tudo quanto na vespera me havia espantado.

Haviam armado um altar sob o pinheiro real. O frade, revestido com magnificos paramentos celebrava com imponente dignidade o officio divino. Os bebados da vespera, uns de pé, outros de joelhos, todos devotamente desbarretados, pareciam santinhos. Um pequenino passeava entre elles com uma bandeja dizendo:

— Dae esmola! Quem dá á Egreja empresta a Deus!»

Hadgi-Stavros estava junto do altar. Com o livro na mão psalmodiava as lições em voz alta. Em pequeno recebera ordens menores; era leitor ou anagnosta. Confesso que fiquei boquiaberto perante aquella extranha cerimonia! Pareciam todos cheios de fé viva; mas eu que os vira de mãos á obra não pude deixar de dizer com os meus botões: — «Quem será aqui o intrujado?»

O officio divino durou até ao meio dia e alguns minutos. Uma hora depois, o altar desapparecia, os bandoleiros punham-se de novo a beber e o *santo velho* ainda mais do que elles

Hadgi-Stavros chamou-me de parte e perguntou-me se eu já tinha escripto. Disse-lhe que immediatamente ia tratar d'isso. Escrevi ao John Harris, ao Christodulo e a meu pae. Ao Christodulo pedia-lhe que intercedesse por mim junto do seu velho companheiro e lhe dissesse que eu era incapaz de arranjar quinze mil francos. Recommendei-me á coragem e imaginação de Harris que não era homem para deixar um amigo em apertos.

— «É quem me pode salvar, dizia-lhe eu na minha carta, doido como é, conto comsigo. Não é que ache quinze mil francos para resgatar-me, isso não; seria preciso pedil-os emprestados ao sr. Mérinay, que não é homem que os empreste. Nem um americano é capaz d'esses negocios. Faça o que entender; deite fogo ao reino, eu estou por tudo, mas não perca tempo. A minha cabeça não é boa e não sei se serei capaz de n'ella suster o juizo até ao fim do mez.»

Ao desgraçado do meu pae não lhe quiz dizer em que hospedaria me albergava. Escrevi-lhe, como sempre no dia um de cada mez, que passava menos mal e que desejava que ao fazer d'aquella todos estivessem de saude lá em casa. Dava-lhe parte de que viajava pela serra, que que tinha achado a *boryana variabilis* e tambem uma ingleza nova, bonita e ainda mais rica que a princeza Ypsoff de romantica memoria. Não tinha ainda podido inspirar-lhe amor, mas contava para isso com a farda irresistivel do tio Rosenthaler, que trouxera comigo para Athenas.

E accrescentava tristemente: «Se estou condemnado a nunca mais ver a Allemanha e a fallecer por alguma desgraça imprevista creia, meu querido pae, que a minha ultima pena será extinguir-me longe da minha familia.»

Chegou Hadgi-Stravos no momento em que eu enxugava uma lagrima.

— Vamos, disse-me, animo! A ingleza velha escreveu agora uma carta de oito paginas e nem uma só lagrima deixou cair no tinteiro. Vá fazer-lhe um bocado de companhia, que ella precisa de quem a distraia. Se eu lhe es-ivesse na pelle e tivesse a sua edade, d'aqui a dois dias tinha pago o meu resgate. Diga-me: é casado?

— Não sou.

— Então ainda não me percebeu? Vá ter com ella e seja amavel. Bom ensejo lhe dei para a fortuna. Se o não aproveita, é um desastrado e, se me não conta entre seus melhores bemfeitores, um ingrato.

Mary-Ann e a mãe estavam sentadas ao pé da

fonte. Entretinham-se a encurtar as saias das amazonas com agulha e linha, que os ladrões lhes haviam fornecido.

Perguntei-lhes se tinham dormido bem. A maneira sêca por que me responderam deu-me a entender que dispensavam a minha conversação.

Foi n'esse instante que, pela primeira vez, reparei nos cabellos de Mary-Ann. Não tinha chapéo e, depois d'uma grande lavagem no rio, puzera os cabellos a seccar ao sol. Cahiam-lhe ao longo das faces e pelas costas, em ondas pequeninas como as da superficie d'um lago encrespado pelo vento. A luz, penetrando n'aquella floresta viva, enchia-a de brilho doce e aveludado. O rosto d'ella assim emmoldurado lembrava uma rosa de musgo!

Já confessei que até então nunca tinha amado e não era decerto por uma rapariga, que me julgava um ladrão, que eu havia de começar. Mas o que posso confessar e não é contradicção é que haveria querido, muito embóra me custasse a vida, salvar aquelles lindos cabellos das garras de Hadgi-Stavros.

E logo ali concebi um plano de evasão, atrevido, mas não impossivel.

A nossa habitação tinha duas sahidas: uma pelo gabinete do Rei, outra por um precipicio. Fugir pelo gabinete de Hadgi-Stavros seria absurdo; seria depois preciso atravessar o campo dos ladrões e ainda a segunda linha de defeza guardada pelos cães. Restava-nos o precipicio. Debruçando-me sobre o abysmo, notei que o rochedo quasi perpendicular, offerecia certas anfractuosidades, moitasinhas, pequeninos arbustos, que ajudariam a descida. O que tornava a fuga perigosa era a cascata. O rio que nascia nos nossos quartos formava no flanco da montanha um lençol terrivelmente escorregadio. Nem era facil conservar o preciso sangue frio e equilibrio com um tal chuveiro na cabeça. Mas não haveria algum meio de desviar a torrente? Talvez. Examinando mais attentamente os quartos em que estavamos alojados, reconheci que, fóra de toda a duvida, as aguas ali haviam permanecido antes de nós. O nosso quarto era um lago sêco. Ergui um pedaço do tapete, que crescia sob os nossos pés e descobri, um espesso sedimento depositado pelas aguas da fonte. Um dia, foi algum tremor de terra, caso frequente n'aquellas serras, que rompeu o dique n'aquelle sitio, ou foi veia de rochedo menos duro que abriu passagem á corrente, toda a massa liquida sahiu fóra do primitivo leito. Um canal com dez pés de comprimento por uns trez de largura conduzia-a até ao reverso da montanha. Para fechar a comporta, aberta havia muitos annos, e repezar as aguas no primeiro reservatorio seriam apenas precisas umas duas horas de trabalho. Uma hora, quando muito, seria bastante para que os rochedos humidos seccassem com a ajuda da brisa da noite. A fuga assim preparada não exigiria mais d'uns vinte e cinco minutos. Uma vez no sopé do monte, tinhamos Athenas na nossa frente e como guias as estrellas. Quando o Rei, pela manhã, viesse saber se tinhamos passado bem a noite, apprenderia á propria custa que cada qual deve contar comsigo mesmo e não com uma cascata para guardar prisioneiros.

Tão maravilhoso o projecto me pareceu, que logo dei parte d'elle a quem m'o havia inspirado.

Mary-Ann e M.^{ess} Simons a principio escutaram-me como conspiradores prudentes escutam um agente provocador. Mary-Ann contemplou sem um tremor a profundidade do abysmo.

— Sim, poder-se-hia descer... Sósinha, não digo; mas com a ajuda d'um braço forte... O sr. tem força?

—Se confia em mim, terei forças!

Taes palavras, a que não liguei nenhum sentido particular, conteriam alguma tolice talvez, porque Mary-Ann fez-se muito vermelha e voltou a cabeça para o lado.

—Talvez nos enganassemos no que julgámos a seu respeito... A infelicidade azeda a gente... Quero crel-o agora uma excellente pessoa.

Ter-lhe-hia sido facil dizer-me qualquer coisa mais amavel, mas esse meio-cumprimento foi-me dito com uma voz tão doce e com um olhar tão penetrante, que me commoveram até o mais intimo da minh'alma.

Estendeu-me sua mãosinha encantadora e já eu lh'a ia apertar, quando ella bateu na testa e perguntou-me:

—E aonde vai encontrar materiaes para o seu dique?

—Debaixo dos meus pés: esta relva.

—A agua ha de arrastal-a por fim.

—Não antes de duas horas. E depois... o diluvio!

—Bem, disse.

D'essa vez não retirou a mão que toquei com os meus labios.

—Vigiam-nos noite e dia, já pensou n'isso?

—Verdade, verdade, nem de tal me lembrava, mas onde eu já ia não podia ver obstaculos. Respondi com uma resolução de que até eu proprio me admirei:

—O Corfiote? Deixe-o comigo. Amarro-o a uma arvore.

—E se elle gritar?

—Se elle gritar, mato-o!

—Com que armas?

—Com as que vou roubar.

Respondi sem saber porquê:

Roubar, matar, tudo me parecia naturalissimo. O que seria se eu estivesse apaixonado!

M.^{ess} Simons prestava-me ouvidos com certa benevolencia, parecendo-me até que me approvava com certo menear de cabeça.

—Meu caro sr., essa sua idéa vale muito mais do que a outra. Nunca eu me abaixaria a pagar um resgate, ainda na certeza de ser reembolsada. Repita-me portanto o que tenciona fazer para salvar-nos.

—Responsabiliso me por tudo. Trato hoje mesmo de arranjar um punhal. Os nossos patifes hão de recolher-se cedo esta noite e adormecerão com somno muito pesado. A's dez horas levanto-me, amarro o nosso carcereiro, tapo-lhe a bocca ou mato-o, se fôr preciso. Não é um assassinato, é uma execução. A's dez e meia, arranco uns cincoenta pés quadrados de relva que levamos até á beira do rio, onde construo o dique. Levamos n'isso hora e meia. E meia noite. Emquanto trabalharmos na consolidação da nossa obra o vento ter-nos-ha enxugado o caminho. Dá uma hora. Seguro esta menina pelo braço esquerdo, deixamo-nos escorregar até áquelle boraco, seguramo-nos áquellas duas moitas, vamos até áquella figueira brava, descançamos um momento n'aquelle carvalheiro, deixamo-nos ir de rastos até aquella saliencia, d'ahi apanhamos aquelles rochedos vermelhos, saltamos para a ravina e estamos livres!

—E então eu?

Este *eu* cahiu sobre o meu enthusiasmo como um balde d'agua fria. Um homem não póde pensar em tudo ao mesmo tempo e tinha-me esquecido completamente de M.^{ess} Simons! Voltar atraz buscal-a, nem pensar n'isso. Sem escadas não era ascensão possivel. A boa senhora logo viu a minha atrapalhação e disse-me, com maior dó do que despeito:

—Já vê, meu sr., que todo o plano romantico por algum lado ha de coxear. O melhor é o que eu disse: esperamos pela policia. Como boa ingleza só confio nas leis. E d'ahi conheço a policia de Athenas. Vi uma parada na Praça do Palacio. Todos os soldados teem lindos bigodes e boas espingardas. N'ellas confio.

O Corfiote chegou a tempo para cortar-me a resposta.

Acompanhava-o a criada de quarto para aquellas senhoras. Era uma albaneza nada feia, apesar de nariz abatatado. Dois bandoleiros de sentinella no monte tinham-lhe deitado mão, quando ella, toda endomingada, passava com a mãe e com o noivo. Consolaram-a, promettendo pagar-lhe e soltal-a d'ali a quinze dias. Decidiu-se logo de muito boa vontade, alegrando-se até d'uma desgraça que lhe ia augmentar o dote. Feliz terra onde as chagas dos corações se curam com moedas de cinco francos!

A criadinha philosopha não foi de grande auxilio para M.^{ess} Simons; das artes proprias de seu sexo só sabia cavar. A mim, tornou-me a vida insupportavel pelo costume que tinha de estar sempre a mordicar dentes d'alho, por guloseima e denguice, tal qual as senhoras de Hamburgo fazem com as amendoas.

O dia seguinte foi d'um cumprimento intoleravel. O Corfiote não nos largava. Mary-Ann e a mãe consultavam o horizonte; mas não avistavam a policia. Eu, costumado a uma vida activa, não podia com tanta ociosidade.

Sabbado de manhã, entre as cinco e as seis horas, um barulho maior atrahiu-me ao gabinete do Rei. N'um instante me achei prompto, visto que me deitava vestido.

Hadgi-Stavros, de pé, em meio das suas tropas, presidia a um conselho tumultuoso. Todos os ladrões, em pé de guerra. Dez ou doze cofres, que eu nunca tinha visto, descançavam sobre umas andas. Deviam de ser as bagagens. Os nossos amos preparavam-se para abandonar o campo. O Corfiote, o Basilio e o Sophocles berravam todos ao mesmo tempo. Ao longe ladravam as sentinellas avançadas. Um estafeta esfarrapado correu para o Rei gritando: — «A policia!»

V

A POLICIA

O Rei não se commoveu lá muito. Contentou-se com franzir um nadinha mais os sobr'olhos; as rugas da testa entre os olhos formavam-lhe um angulo agudo.

—Por onde veem elles subindo?

— Por Castia.

— Quantas companhias são?

— Uma só.

— Qual?

— Não sei.

— Esperemos.

Outro mensageiro chegou correndo. Hadgi-Stavros gritou-lhe:

— É a companhia de Pericles?

O ladrão respondeu:

— Não posso dizer; não sei ler numeros.

Ouviu-se um tiro ao longe.

— Caluda! disse o Rei, tirando o relogio.

Silencio geral na assembléa. De minuto em minuto, ouviram-se mais quatro tiros. O ultimo foi seguido por uma detonação violenta, que lembrava a descarga d'um pelotão. Hadgi-Stavros sorriu-se e tornou a metter o relogio na algibeira.

— Muito bem, disse; levem as bagagens para o deposito e tragam-nos vinho: é a companhia do Pericles.

Deu com os olhos em mim, mesmo quando acabava de falar. Chamou-me com ar zombeteiro:

— Venha cá, sr. allemão, que não será aqui de mais. Bom é a gente levantar-se cedo, porque vê coisas curiosas. Tem sede? Pois vai beber um copo de vinho com a nossa excellente policia.

Cinco minutos depois, trouxeram tres odres enormes, que foram buscar a qualquer armazem secreto.

Uma sentinella veio correndo dizer ao Rei:

—Boas novas! E' a companhia do Pericles!

Uns bandoleiros foram ao encontro das tropas. O Corfiote, como bom discursador, foi botar arenga ao capitão.

D'ali a pouco, ouviu-se um tambor; apontou ao longe a bandeira azul e sessenta homens, dois a dois, vieram desfilando até ao gabinete de Hadgi-Stavros.

Reconheci lógo o sr. Pericles, que eu já tinha avistado e admirado no passeio de Patissia. Era um moço official de trinta e cinco annos, trigueiro, janota, querido das damas, valsista estimado na côrte e a quem ficavam bem as dragonas de lata. Metteu a espada na bainha e correu para o Rei das Serras, a quem deu um beijo, dizendo-lhe:

—Bons dias, padrinho.

—Adeus, pequeno, respondeu o Rei, fazendo-lhe festas na cara. Como vai isso?

—Menos mal. E tu?

—Como vês. A tua gente?

—O tio bispo não tem passado bem.

—Que venha para aqui uns dias. E o perfeito da policia vai melhor?

—Melhor, e recommenda-se, bem como o ministro.

—E que ha de novo?

—Temos baile no paço no dia 15. Já veio a noticia no *Seculo*.

—Sempre gostaste de dançar. E a respeito de bolsa?

—Todos os fundos baixando.

—Bravo! Trazes-me algumas cartas?

—Trago; aqui tens. A Photini é que não teve tempo. Escreve-te pelo correio.

—Vamos a um copo de vinho. A' tua saude, meu rapaz.

—Deus te abençoe, padrinho. Quem vem a ser...?

—Ninguem; é um allemão de quem se não faz caso. Sabes d'algum negocio bom para nós?

—O pagador geral vai mandar vinte mil francos para Argos. O dinheiro deve ámanhã á noite passar pelas rochas Scironianas.

—Lá estou. Será preciso levar muita gente?

—E'; a caixa é escoltada por duas companhias.

—Boas ou más?

—Detestaveis. Gente capaz de se deixar matar.

—Levarei todos os meus. Ficarás guardando os meus prisioneiros.

—Com muito gosto. A proposito: recebi ordens seriissimas. As tuas inglezas escreveram ao embaixador. Pedem soccorro a todo o exercito!

—E fui eu que para isso lhes forneci papel! Vão lá ter confiança...

—Tenho que escrever o meu relatorio n'esse sentido. Vou contar-lhes um combate encarniçado.

—Eu te ajudarei.

—D'esta vez, padrinho, é preciso que a victoria seja minha.
—Nunca!
—E' preciso. Tenho que apanhar um habito.
—Outro dia será. Nunca estás satisfeito! Não ha um anno, que eu te fiz capitão.
—Mas, padrinho, tens toda a vantagem em te deixar vencer. Dispersa toda a tua gente, renasce a confiança, voltam os viajantes e farás um bello negocio.
—Bem sei; mas se eu fôr vencido, tenho alta na bolsa e eu joguei na baixa.
—Muda o caso de figura. Deixa-me ao menos dar te cabo d'uma duzia d'homens.
—Seja. D'ahi não vem mal a ninguem. Cá por meu lado dou cabo d'uns dez dos teus.
—Como? Quando eu voltar logo toda a gente vê que levo a companhia toda.
—Deixa os cá. Preciso de recrutas.
—Recommendo-te o meu ajudante, o Spirosinho. Sahiu agora da escola dos Evelpidos, é muito intruido e intelligente. O pobre rapaz, cheio de familia, ganha por mez setenta e oito francos. Cá no exercito não é alferes senão d'aqui a cinco ou seis annos; os quadros estão cheissimos. Mas se elle se tornar notavel nas tuas tropas, hão querer peital-o e d'aqui a seis mezes está nomeado.
—Pois venha para cá o Spiro. O rapaz sabe francez?
—Assim assim.
—Se se portar bem, talvez lhe dê sociedade e o faça accionista. Já fiz o meu relatorio correspondente ao anno passado. Distribuo 82 por cento.
—Bravo! Mais me renderam as minhas oito acções que o meu soldo de capitão. Padrinho, que linda profissão a sua!
—Que queres? Tambem tu serias salteador, se não fosse tua mãe teimar que não tinhas vocação nenhuma. A' tua saude! E á sua tambem, sr. allemão. Apresento-lhe o meu afilhado, capitão Pericles. Um sr. doutor que vale quinze mil francos. Pois, apesar de doutor, ainda não conseguiu que as inglezas lhe pagassem o resgate. O mundo vae cada vez a peor.
Depois d'isto, levantou-se e foi, muito alegre, até parecendo mais novo dar ordens para a partida.
Sophocles, Basilio e o Corfiote encarregaram-se de espalhar pelo campo as ordens do Rei.
O ajudantesinho Spiro, mais os nove homens escolhidos entre a policia trocaram os uniformes pelos trajes mais pittorescos dos bandoleiros. Os novos ladrões não deram mostras da menor pena. Os outros é que resmungaram um bocado. Alguns já velhotes queixavam-se de se não haver olhado á antiguidade. O capitão lá os socegou a todos, promettendo-lhes que a vez lhes chegaria.
Hadgi-Stavros, antes de partir, entregou todas as chaves ao substituto. Mostrou-lhe a gruta do vinho, a caverna das farinhas, o boraco do queijo e o tronco d'arvore do café. Ensinou-lhe todos os cuidados que havia de tomar para que não fugissemos e conservasse um tão precioso capital. Pericles respondeu-lhe sorrindo:
—Vai sem cuidado; bem sabes que sou accionista.
A's sete horas da manhã, o Rei poz-se em marcha e todos, a um de fundo, desfilaram atraz d'elle. Afastaram-se na direcção do norte, voltando costas ás rochas Scironianas. Voltaram por um caminho bastante extenso, mas muito commodo, até ao fundo do barranco, por debaixo dos nossos quartos. Todos os patifes cantavam com os pés na agua da cascata. A marcha guerreira era uma estrophe de quatro versos, que Hadgi-Stavros commettera em novo:

Um clephta d'olhos negros...
etc., etc.

Deve conhecel-a. E' o que os meninos d'Athenas cantam, quando vão para o catecismo.

(Continua).

SCIENCIA MODERNA

XIII

O TELEMICROSCOPIO

A optica acaba de ser dotada com um novo apparelho devido á imaginação do abbade Deschamps, antigo professor de physica em França.
Os oculos de alcance que existem estão ainda muito áquem do *desideratum*.
O telemicroscopio do abbade Deschamps representa, pois, um notavel progresso na sciencia moderna.
Como se sabe, as lupas e os microscopios actualmente em uso teem o inconveniente de alcançarem uma area muito restricta, sendo a sua distancia focal demasiado curta, o que faz com que estes apparelhos de observação não possam ser utilisados no estudo dos movimentos de animaes e plantas vivas senão a uma distancia limitada.
E' este inconveniente que o abbade Deschamps pretende remediar com o seu apparelho, imaginando uma nova lupa que tem por fim augmentar a distancia focal sem comtudo prejudicar a grossura do vidro.
O novo apparelho consta do seguinte systema de lentes:
1.º Uma objectiva, composta de duas lentes achromaticas separadas por uma distancia inferior á distancia focal da mais convergente, as quaes actuam como se fosse uma só, o que faz com que seja augmentado o achromatismo da lente dando-lhe ao mesmo tempo uma imagem muito nitida.
2.º Uma ocular de Dolloud com quatro lentes plano-convexas.
Por meio d'este apparelho, observar-se-hão os movimentos por mais insignificantes que elles sejam de todos os animaes e plantas vivas a uma distancia enorme, podendo-se com o seu auxilio desvendar um grande numero de mysterios que naturalmente ainda existem no mundo animal e vegetal e para os quaes, os apparelhos existentes são insufficientes.
Quantas e quantas curiosidades haverá a observar nos animaes inferiores, que não são viziveis á vista desarmada?
Conhecemos já o trabalho verdadeiramente engenhoso da aranha que constroe a sua teia, com o fim de n'ella reter o mais pequenino insecto que possa servir á sua alimentação
Conhecemos tambem o assombroso trabalho da abelha, o modo de construcção do seu favo de mel e a maneira como ella, no interior d'esse favo, desempenha o papel que lhe foi destinado pela abelha-mestra, a soberana d'aquelles pequenos seres.
Conhecemos, egualmente, a actividade das formigas que recolhem durante o verão o producto que para o inverno seguinte ha de constituir o seu alimento.
Se é conhecida a existencia de animaes laboriosos, d'entre os que facilmente se veem a olho nú, porque razão se não ha de admittir que, d'entre os innumeros seres invisiveis á vista desarmada, haja tambem muitos d'elles, que executem trabalhos identicos aos da aranha, da abelha ou da formiga?
O apparelho do abbade Deschamps revelar-nos-ha porventura este conhecimento?

XIV

IPSILENE

E' este o nome de um novo desinfectante. O *ipsilos* chimicamente fallando é o chloreto d'ethyle, que tem a propriedade de se tornar gazoso elevando-se um pouco a sua temperatura.
Se juntarmos a este corpo alguns antisepticos conhecidos como o iodoforme, salol, etc., formaremos os corpos denominados ipsilenes.
Estes corpos teem a propriedade de prohibir a accumulação, nas chagas ou feridas, de humores que lhe possam ser prejudiciaes, ao mesmo tempo que as fecha.
O apparelho por onde se faz a injecção da ipsilene consta de um pequeno cylindro contendo o chloreto d'ethyle, collocado no interior de um reservatorio hermeticamente fechado comportando agua. Na parte inferior do cylindro ha uma tubuladora com torneira d'esgoto.
Se a agua do reservatorio se mantiver a 15º, o chloreto fervendo a 10º vae-se transformando em vapor.
Abrindo-se a torneira produz-se um jacto gasozo que facilmente se faz dirigir sobre a chaga.
O gaz limpa a chaga, deposita n'ella o seu antiseptico que se fixa em camada uniforme junto ás suas paredes, penetrando mesmo n'ella em virtude da pressão.
Tem ainda este gaz, a particularidade de dissolver as gorduras e prohibir o estacionamento, na chaga, de tudo quanto a possa aggravar.
Se juntarmos ao chloreto d'ethyle, em vez de iodoforme, uma combinação de phosphato e carbonato de cal, formaremos a ipsilene ossea, susceptivel de preencher todas as cavidades osseas que tenham soffrido estrago, constituindo d'esta fórma, uma substancia ossea artificial.

3-8-900. *Antonio A. O. Machado.*

NECROLOGIA

GENERAL MIGUEL BAPTISTA MACIEL
FALLECIDO EM 1 DO CORRENTE

Na casa da sua residencia, na Avenida de D. Carlos, falleceu no dia 1 do corrente o general de divisão do quadro auxiliar, Miguel Baptista Maciel.
Nascido a 8 de maio de 1822, assentou praça em 1840, contando portanto sessenta annos de serviço. Foi promovido a general de divisão em 1890.
Entre outras commissões de serviço, foi commandante da primeira divisão militar.
Foi presidente da direcção do monte-pio official e pertencia á direcção de muitos outros institutos de soccorros e beneficencia, cargos que desempenhou com summo zelo.
Patriota enthusiastico era presidente da commissão central Primeiro de Dezembro.
Foi um militar brioso e um caracter honestissimo.
Era cavalleiro, commendador e gran-cruz de Aviz. Tinha as medalhas de prata, de bons serviços, e de oiro, de comportamento exemplar.
A toda a sua familia enviamos a expressão do nosso pezame.